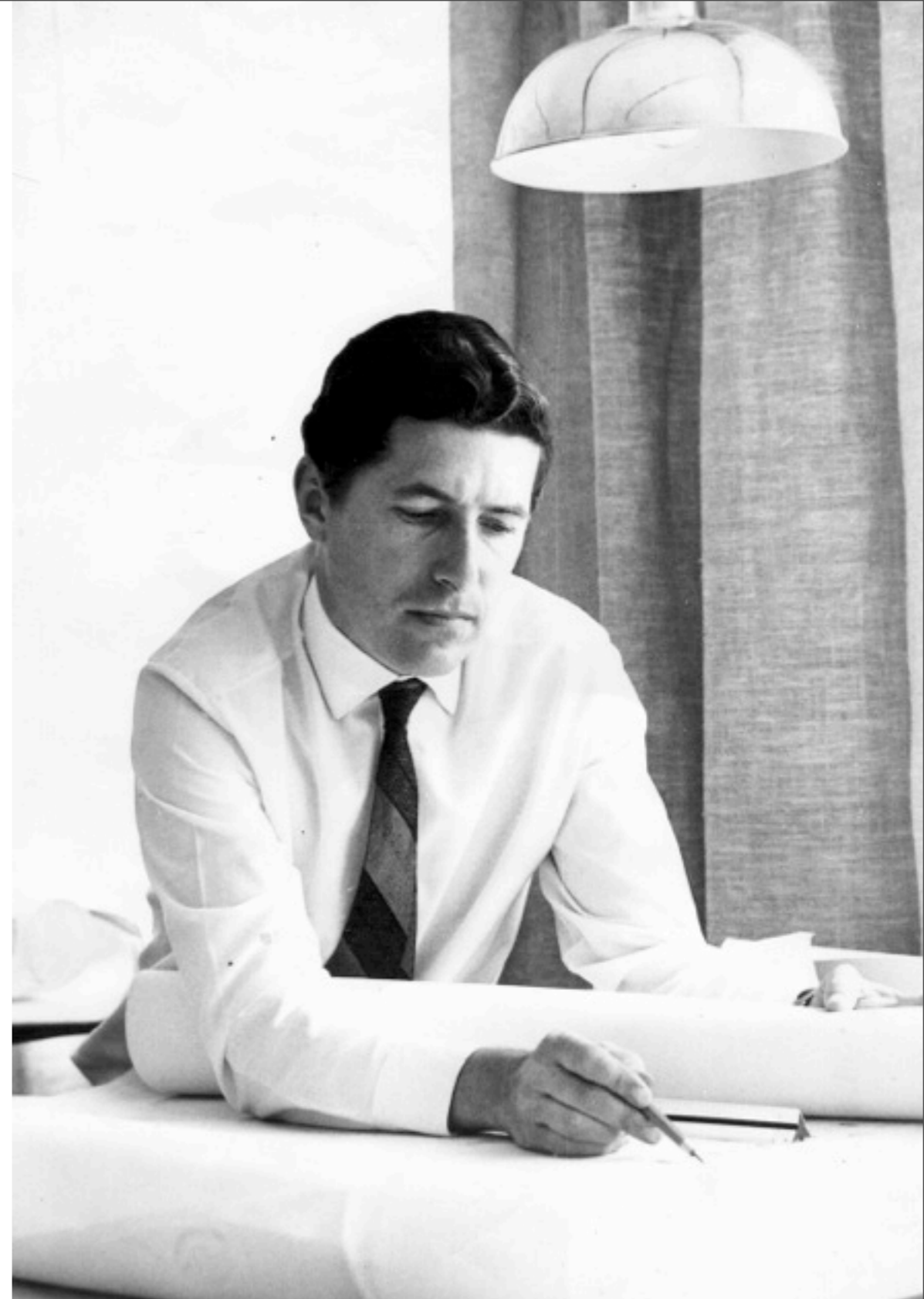


IDEIA, MÉTODO E LINGUAGEM NA
ARQUITETURA DE

Alfred Willer



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ARQUITETURA E URBANISMO



ARQ 1101

IDEIA, MÉTODO E LINGUAGEM • 2013/2
PROF. DRA. SÔNIA AFONSO

RICARDO ALBERTI

01/12

1930 nasce em Plzen, Tchecoslováquia
1947 chega ao Brasil
1952 naturaliza-se brasileiro
1956 forma-se engenheiro civil pela UFPR
1964 forma-se arquiteto pela UFPR
1965-68 atua como Diretor técnico da Cohab-Ct
1968 equipe vencedora do concurso para o Hotel de Turismo de Juazeiro
1970-92 atua como Professor titular de Teoria da Arquitetura e Coordenador do Curso por 2 gestões na UFPR
1971 equipe vencedora do concurso para o Estádio do Paraná, Curitiba
1973-76 atua como Presidente da Fundação Cultural de Curitiba
1973 equipe vencedora do concurso para o Edifício-Sede do BNDE em Brasília, DF
1975 BNDES no Rio de Janeiro, (110.000 m²)
1981 obtém o grau de mestre pela University College London
1987 Sede regional do BRDE (ex-IBM) , Curitiba, (2.800m²)
1994 Edifício sede do SEBRAE, Curitiba (8.600 m²)
1996 Edifício CIETEP, Curitiba (25.000 m²)
2002 escritório laureado pelo Prêmio Master Imobiliário. Alphaville Graciosa, Pinhais, PR
2002 Complexo Evolution Towers, em Curitiba. (42.000m²)
2005 escritório premiado pelo 1º Prêmio FIABCI internacional. Alphaville Flamboyant, Goiânia, GO



FIG 01 E 02. VILA N. SRA LUZ DOS PINHAIS, CURITIBA, 1966



FIG 03. HOTEL JUAZEIRO, 1968

Alfred Willer



biografia

02/12



FIG 04. BNDES RIO, 1980



FIG 05. ESTÁDIO PINHEIRÃO, CURITIBA, 1971

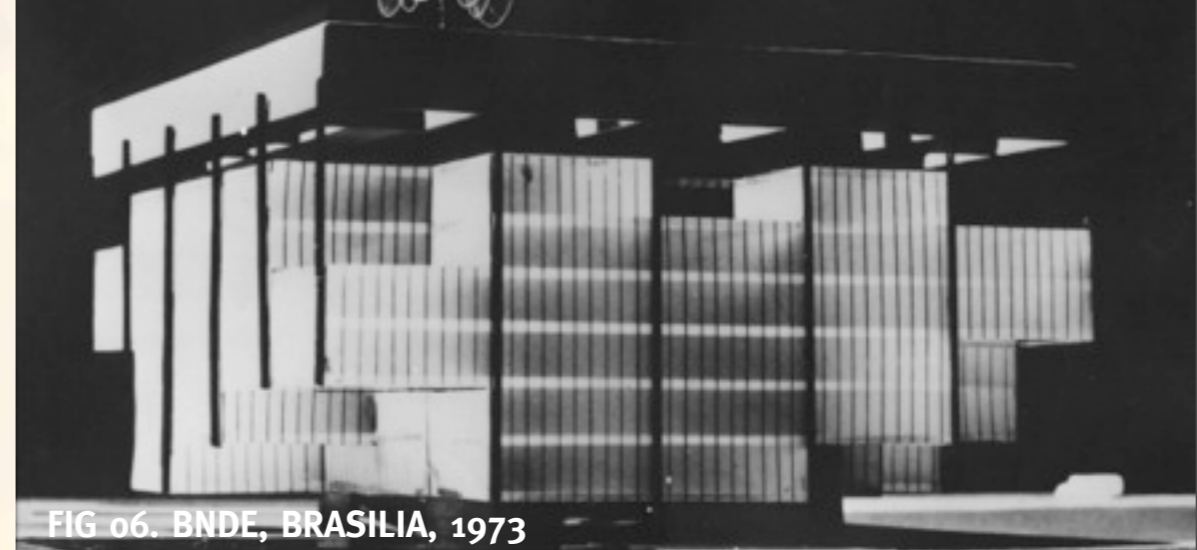


FIG 06. BNDE, BRASÍLIA, 1973



FIG 07. COHATS TB, 1971

Alfred Willer



obra

03/12



FIG 08. INDÚSTRIAS VEGETEX, 1973



FIG 09. ALPHAVILLE GRACIOSA, PINHAIS, 1998



FIG 10. RESIDENCIA, CURITIBA, 1984



FIG 11. ILHA DE LUANDA, 1998



FIG 12. HOSP. MILTON MURICY, CURITIBA, 1997



FIG 13. PALÁCIO DE FERRO DE LUANDA, 1999

Alfred Willer



obra



FIG 14. RESIDÊNCIA, S. BENTO DO SUL, 2002



FIG 15. RESIDÊNCIA, CURITIBA, 2003



FIG 16. RESIDÊNCIA, LUANDA, 2004



FIG 17. RESIDÊNCIA, CURITIBA, 1998

Alfred Willer



obra

05/12

PARTINDO DA DEFINIÇÃO DE IDEIA COMO REPRESENTAÇÃO MENTALDE ALGO CONCRETO OU ABSTRATO, QUAL O SEU PROCESSOPARA O SURGIMENTO DA IDÉIA INICIAL DE CONCEPÇÃO DO PROJETOARQUITETÔNICO E QUAL O GRAU DE IMPORTÂNCIA QUE ESTA IDÉIA TEM DENTRO DAS SUAS DECISÕES PROJETUAIS?

Embora a ideia inicial de concepção do projeto seja parte importante do meu processo projetual, ela só faz sentido quando resulta de um profundo conhecimento das várias facetas que caracterizam o tema: local, contexto, topografia, orientação, acesso, programa funcional, infraestrutura social, tecnológica, cultural, etc.

Somente depois de dominado este pacote (tornar familiar o estranho), minha vivência do problema atingia o ponto de saturação e é aí que a intuição criativa começa a funcionar, propondo modelos de ideias, sintetizadas a partir do conhecimento do assunto: é o velho “partido” dos nossos mestres do Curso de Arquitetura. Começa então o jogo em que o arquiteto avalia e compara os vários partidos buscando achar o que melhor se adapta ao problema. O critério poderá ser visual, funcional, emocional, econômico, etc., com boa dose de pragmatismo, pois se o resultado for muito rígido, perdemos o verdadeiro sentido da arquitetura como arte.

APÓS O SURGIMENTO DESTA IDEIA INICIAL QUAL O ARTIFÍCIO UTILIZADO PARA A REPRESENTAÇÃO DA MESMA?

Até o surgimento da informática no projeto arquitetônico, usava-se a perspectiva manual e a maquete para facilitar o julgamento. Hoje predomina a maquete eletrônica, dada a sua flexibilidade e baixo custo.

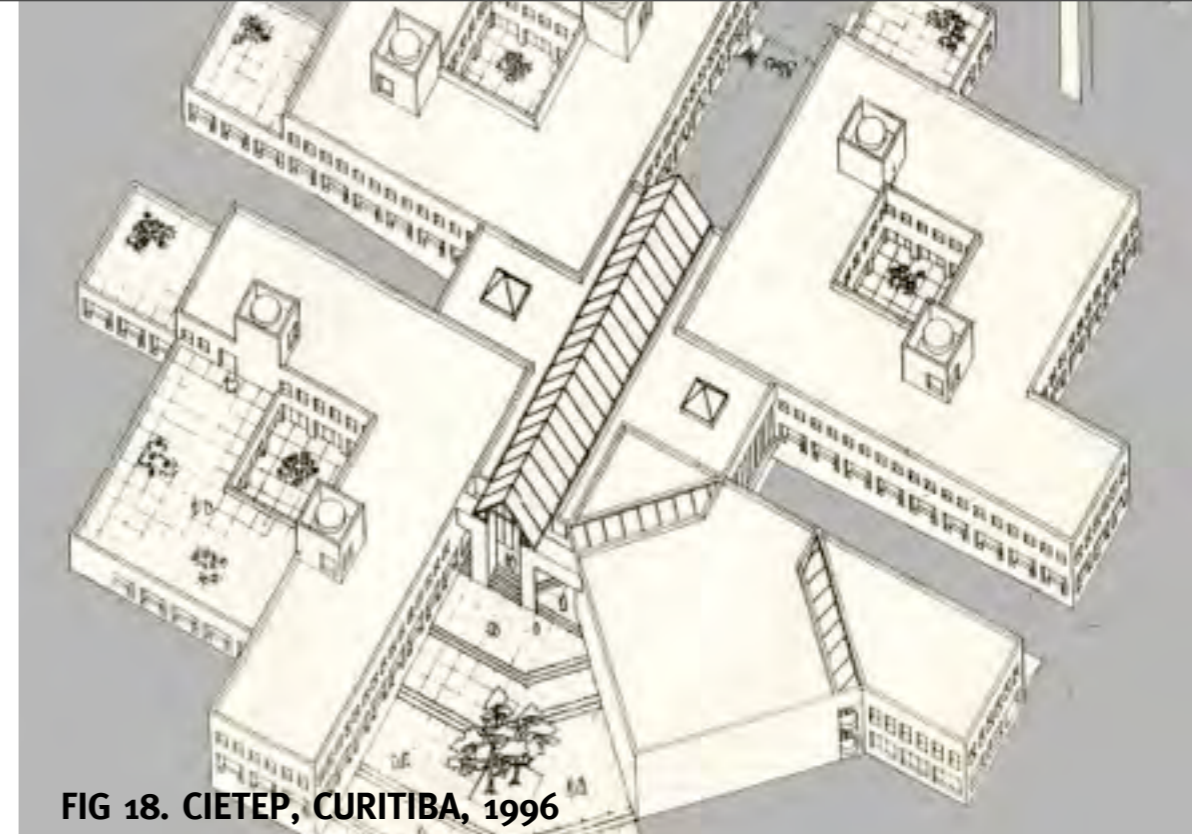


FIG 18. CIETEP, CURITIBA, 1996



FIG 19. PARQUE AGOSTINHO NETO, LUANDA, 1998

Alfred Willer



ideia

07/12

PARTINDO DA DEFINIÇÃO DE MÉTODO, COMO O CAMINHO PELO QUAL SE CHEGA A UM CERTO RESULTADO, PODERIA DESCREVER O SEU MÉTODO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO ARQUITETÔNICO?

Da ideia inicial , representada provisoriamente por uma série de croquis sintéticos, os quais tentam enfatizar as características - chave do partido, que podem ser de diversas naturezas, na relação entre forma e contexto, na relação dos espaços dominantes com os espaços servidores, em relação a uma solução estrutural relevante, etc. vou trabalhando sucessivamente do geral ao particular e vice versa, até atingir um estudo coerente com os requisitos do projeto. Os primeiros níveis de elaboração ainda ficam mais fáceis quando feitos a mão, em croquis rápidos com poucos recursos técnicos.



FIG 20. CIETEP, CURITIBA, 1996

Alfred Willer



método

08/12

VOCÊ CONSIDERA QUE RECEBEU ALGUMA INFLUÊNCIA METODOLÓGICA NA SUA CARREIRA? QUAIS SERIAM ELAS?

Acho que aprendi muito no trabalho em equipe. Principalmente nos concursos nacionais e internacionais, em parceria com o Sancho (arquiteto José Sanchotene).

DEPOIS DOS ANOS 60 FALOU-SE MUITO EM “CRISE NA DISCIPLINA DE PROJETO”, QUANDO PASSOU-SE A DISCUTIR, ENTRE OUTRAS COISAS, A FUNÇÃO DO PROFESSOR ENQUANTO PESQUISADOR DEDICADO, OU ENQUANTO PROFISSIONAL ATUANTE NO MERCADO, CONTRIBUINDO PARA A DISCIPLINA COM SUA BAGAGEM DE VIVÊNCIA PRÁTICA, PORÉM MUITAS VEZES SEM EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA. COMO VOCÊ AVALIA ESSAS DUAS VERTENTES?

Concordo com a existência das duas vertentes, tendo até participado como jurado de um concurso para titular na URGS em que havia um candidato de cada tendência. Na ocasião, votei a favor do candidato “profissional atuante”, mesmo sabendo do ótimo trabalho didático-prático que o candidato “pesquisador” tinha conseguido. Parece que as duas vertentes podem ser positivas, ou negativas, dependendo da vocação e competência do professor.



FIG 21. RESIDÊNCIA, CURITIBA, 2004

TOMANDO COMO DEFINIÇÃO PARA LINGUAGEM, A FORMA DE EXPRESSÃO PRÓPRIA DE UM INDIVÍDUO OU GRUPO. COMO VOCÊ DESCREVERIA A LINGUAGEM UTILIZADA POR VOCÊ EM SEUS PROJETOS ARQUITETÔNICOS E COMO ESTA É EXPRESSADA?

Creio que minha linguagem são duas: Na arquitetura institucional/ comercial ela é modernista/funcionalista com preferência por espaços em Open Plan, em sistemas abertos. Na arquitetura residencial e cultural, minha linguagem é orgânica/vernácula, também formando sistemas abertos.

PODERIA CITAR ALGUNS ARQUITETOS OU ARTISTAS COM QUE VOCÊ MAIS SE IDENTIFICA EM TERMOS DE LINGUAGEM ARQUITETÔNICA?

Frank L. Wright, Norman Foster



FIG 22. IBM, CURITIBA, 1987



FIG 23. RESIDÊNCIA, CURITIBA, 1995

Alfred Willer



linguagem

10/12

NA SUA OPINIÃO, QUAL A IMPORTÂNCIA DE SE PENSAR SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO ARQUITETÔNICO ENQUANTO OBJETO DE PESQUISA E COMO ISTO PODE AUXILIAR NA FORMAÇÃO DE FUTUROS ARQUITETOS?

Pode ser útil, mas não substitui o processo próprio de busca da solução. O que dificulta o uso da análise arquitetônica por colegas é a dúvida sobre a objetividade do método de pesquisa e das circunstâncias projetuais, quando pressionados por honorários baixos e falta de tempo.

PODERIA CITAR TRÊS PROJETOS SEUS QUE VOCÊ CONSIDERA MAIS RELEVANTES NA SUA CARREIRA PROFISSIONAL?

IBM, sede regional de Curitiba (1987)

Complexo CIETEP, Curitiba (1996)

SEBRAE, sede regional de Curitiba (1997)



FIG 24. IBM, CURITIBA, 1987



FIG 25. CIETEP, CURITIBA, 1996



FIG 26. SEBRAE PR, CURITIBA, 1997

Alfred Willer



linguagem

11/12

- FIG 01. VILA NOSSA SENHORA DA LUZ DOS PINHAIS. VISTA DAS CASAS, CURITIBA, 1966. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 02. VILA NOSSA SENHORA DA LUZ DOS PINHAIS. VISTA AÉREA, CURITIBA, 1966. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 03. HOTEL JUAZEIRO. PERSPECTIVA APRESENTADA AO CONCURSO PÚBLICO, JUAZEIRO, 1968. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 04. BNDES RIO, VISTA EXTERNA, RIO DE JANEIRO, 1980. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 05. ESTÁDIO PINHEIRÃO, MAQUETE, CURITIBA, 1971. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 06. BNDE BRASÍLIA, MAQUETE, BRASÍLIA, 1973. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 07. COHATS TB, VISTA EXTERNA CASAS, 1971. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 08. INDÚSTRIAS VEGETEX, VISTA EXTERNA, 1973. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 09. ALPHAVILLE GRACIOSA, MASTERPLAN, PINHIAIS, 1998. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 09. ALPHAVILLE GRACIOSA, MASTERPLAN, PINHIAIS, 1998. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 10. RESIDÊNCIA, VISTA EXTERNA, 1984. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 11. REURBANIZAÇÃO DA ILHA DE LUANDA, PERSPECTIVA DETALHE ENTRONCAMENTO VIÁRIO, LUANDA, 1998. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 12. HOSPITAL MILTON MURICY, VISTA EXTERNA, CURITIBA, 1997. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 13. PALÁCIO DE FERRO DE LUANDA, ELEVÇÃO, LUANDA, 1999. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 14. RESIDÊNCIA, VISTA EXTERNA, S. BENTO DO SUL, 2002. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 15. RESIDÊNCIA, VISTA EXTERNA, CURITIBA, 2003. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 16. RESIDÊNCIA, VISTA EXTERNA, LUANDA, 2004. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 17. RESIDÊNCIA, MAQUETE, CURITIBA, 1998. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 18. CIETEP, PERSPECTIVA ISOMÉTRICA, CURITIBA, 1996. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 19. PARQUE CULTURAL AGOSTINHO NETO, PERSPECTIVA DO MEMORIAL, LUANDA, 1998. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 19. CIETEP, PERSPECTIVA ISOMÉTRICA, CURITIBA, 1996. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 20. CIETEP, VISTA SAGUÃO, CURITIBA, 1996. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 21. RESIDÊNCIA, VISTA EXTERNA, CURITIBA, 2004. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 22. IBM, VISTA INTERNA, CURITIBA, 1987. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 23. RESIDÊNCIA, VISTA EXTERNA, 1995. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 24. IBM, VISTA EXTERNA, CURITIBA, 1987. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 25. CIETEP, VISTA EXTERNA, CURITIBA, 1997. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 26. SEBRAE PR, VISTA EXTERNA, CURITIBA, 1997. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 27. ALFRED WILLER, 1970. ACERVO DO AUTOR,
 FIG 28. ALFRED WILLER E RICARDO ALBERTI, 2007. ACERVO DO AUTOR

OBS. GRANDE PARTE DOS PROJETO ILUSTRADOS E CITADOS FORAM REALIZADOS EM CO-AUTORIA COM OS ARQUITETOS JOSÉ SANCHOTENE, OSCAR MUELLER, MARCELO WILLER, LEONARDO OBA, ARIEL STELLE, RUBENS SANCHOTENE, JOEL RAMALHO, MARA PALUDO, BORIS MASDEN CUNHA, RICARDO ALBERTI, ROGÉRIO SHIBATA, TACO ROORDA ENTRE OUTROS



FIG 27. ALFRED WILLER, 1970

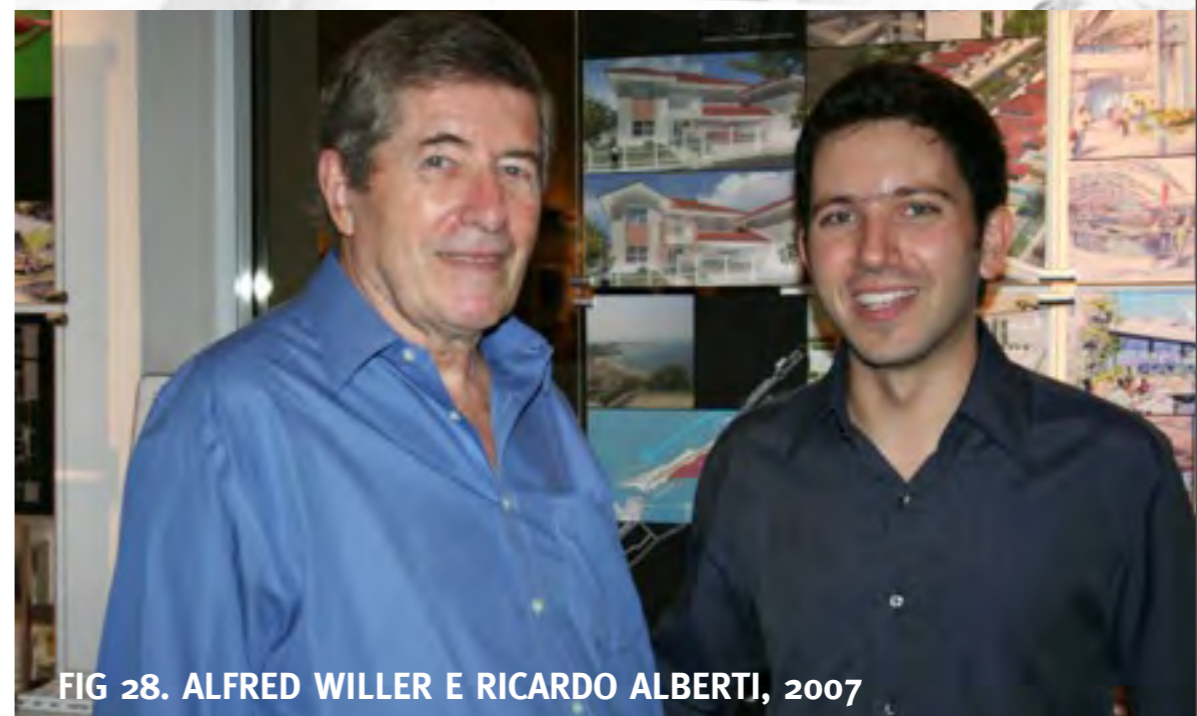


FIG 28. ALFRED WILLER E RICARDO ALBERTI, 2007

Alfred Willer



lista figuras 12/12